

CARNISMO E SEXISMO: UMA LEITURA ECOFEMINISTA DE A VEGETARIANA DE HAN KANG

CARNISM AND SEXISM: AN ECOFEMINISTIC ANALYSIS TO THE VEGETARIAN BY HAN KANG

Ariel Oliveira Leite de Souza¹

RESUMO: Propõe-se uma leitura do romance-novela *A Vegetariana* (2018), de Han Kang, a partir da teoria ecofeminista, apresentada por Carol J. Adams (2012) através da política sexual da carne. Essa análise parte do vegetarianismo da protagonista, Kim Yeonghe, para discutir as relações sociais entre as personagens, relacionando o *carnismo* presente na sociedade retratada na obra com a forte presença da opressão feminina e da violência de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: *Carnismo*; Ecofeminismo; Han Kang; Literatura sul-coreana; Patriarcado.

ABSTRACT: We propose an analysis of the serial novel *The Vegetarian* (2018), by Han Kang, through the ecofeminist theory, presented by Carol J. Adams (2012) in the sexual politics of meat. This analysis uses the protagonist's Kim Yeonghe's vegetarianism, to discuss the social relations between the characters, relating the carnism present in the society portrayed in the book with the strong presence of female oppression and gender violence.

KEY-WORDS: *Carnism*; Ecofeminism; Han Kang; South Korean literature; Patriarchy.

¹ Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
Mestranda em Letras - História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
Email: arielleitee@gmail.com

INTRODUÇÃO

Dois sistemas de opressão que convergem: uma introdução a política sexual da carne

Apesar dos significativos avanços em direção à igualdade de gênero e das muitas conquistas do movimento feminista nas últimas décadas, nós ainda vivemos em um mundo patriarcal, no qual o controle exercido pelos homens sobre as mulheres é expressivo, tanto na esfera pública quanto na privada. Segundo Adams (2012), a cultura sexista que rege a nossa sociedade está diretamente relacionada ao modo como vemos e nos relacionamos com os animais não humanos, especialmente aqueles que consumimos. A autora afirma que “entre os significados ligados ao consumo de carne estão os significados agregados à virilidade [...] a masculinidade é construída na nossa cultura pelo acesso ao consumo de carne e pelo controle de outros corpos” (ADAMS, 2012, p.26).

Nesse sentido, compreender o sistema de crenças que legitima a exploração de animais não humanos nos proporciona um novo olhar sobre os mecanismos que permitem o domínio do homem sobre a mulher. De acordo com a psicóloga e ativista pela libertação animal Melanie Joy (2014), nossa relação com os animais que criamos para o abate está baseada em uma ideologia invisível, denominada *carnismo*, que naturaliza sua tortura e seu assassinato para que possamos consumi-los. A autora aponta que tal ideologia se perpetua pela invisibilidade e afirma que “se não lhes damos um nome, não podemos falar sobre elas e se não podemos falar sobre elas, não podemos questioná-las.” (JOY, 2014, cap. 2)

O patriarcado, de acordo com a autora, é um exemplo de uma ideologia que, assim como o *carnismo*, está tão arraigada na sociedade que por milhares de anos foi entendido como algo natural, até que as feministas o nomeassem. Ela afirma ainda que “Tendemos a encarar o estilo de vida dominante como um reflexo de valores universais. Contudo, o que consideramos normal não é, de fato, nada mais que as crenças e comportamentos da maioria” (JOY, 2014, cap. 2). Ao associar *carnismo* e patriarcado, Joy (2014) dialoga com o conceito de A

política sexual da carne apresentado por Adams (2012), para quem “O patriarcado é um sistema de gênero que está implícito nas relações humanas/animais” (ADAMS, 2012, p. 26)

Para que seja possível compreender mais profundamente o sistema de opressão animal, destaca-se o conceito de *especismo*. Carlos Naconecy (2006) afirma que este “é uma forma de chauvinismo porque consiste no tratamento inferior, discriminatório e diferenciado por parte dos membros de uma classe privilegiada (a ‘superior’) daqueles indivíduos que estão fora dessa classe, e para o qual não há uma boa justificativa” (NACONECY, 2006, p.70). Diferente do conceito elaborado por Joy (2013), o *especismo* não discute somente os mecanismos arbitrários que nos levam a consumir este ou aquele animal, mas a crença de que os animais humanos seriam, por um motivo ou outro, superiores aos animais não humanos e, por isso, teriam o direito de explorá-los da forma como lhes convir. Segundo Naconecy (2006), a relação entre *especismo* e sexismo está na origem do termo:

Você provavelmente concorda que não devemos explorar, oprimir ou injustiçar as mulheres apenas porque elas são mulheres - o que seria machismo. [...] Explorar um indivíduo porque ele pertence a uma espécie biológica diferente da nossa é um tipo de preconceito muito semelhante aos anteriores - e isso se chama “especismo” Na prática, isso ocorre quando se abraça um preconceito contra animais só porque são animais. [...] Como foi dito, o termo “especismo” foi cunhado em analogia com os conceitos destinados a denunciar outros preconceitos, como o racismo e sexismo. Basicamente, ele denuncia que a noção de espécie (como a de raça ou sexo) é irrelevante ou insignificante para fundamentar um tratamento moral, uma vez que desconsidera as características e necessidades de cada criatura. (NACONECY, 2006, p.70-71)

Benedito Nunes (2011) aponta que o animal é o grande outro da nossa cultura e, ao mesmo tempo, simboliza aquilo que há de mais primitivo no homem. “Nossos rebanhos são populações escravas. O trabalho deles é se reproduzir para nós. Até seu sexo se transforma em uma forma de trabalho. Não os odiamos porque nem sequer são dignos de ódio. Nós os vemos com desprezo” (NUNES, 2011, p.13). A fim de reforçar a relação entre a opressão animal e a opressão feminina que traçamos até aqui, contrapomos a ideia da outridade feminina como pressuposto da subalternidade imposta a ela, elaborada por Simone de Beauvoir (2016), à noção de outridade animal proposta

por Nunes (2011). Segundo Beauvoir, “O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem [...] para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente [...] a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, O Absoluto; ela é o Outro” (BEUVOIR, 2016, p. 12-13).

Tendo em vista as convergências estabelecidas entre o *carnismo* e o patriarcado, o presente ensaio propõe uma leitura do romance-novela *A Vegetariana* (2018), de Han Kang, a partir da política sexual da carne, apresentada por Carol J. Adams. Essa análise parte do vegetarianismo da protagonista, Kim Yeonghe, para discutir as relações sociais entre as personagens, relacionando o *carnismo* e o *especismo* presentes na sociedade retratada na obra com a forte presença da opressão feminina e da violência física, moral e sexual contra a mulher. Apontamos ainda a mudança nos hábitos alimentares da protagonista como um ato simbólico de resistência contra a dominação masculina e a submissão imposta a ela enquanto mulher, discutindo sua relação com a sua própria animalidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Um ponto de vista masculino: vegetarianismo como resistência à violência patriarcal

A obra *A Vegetariana* (2008) é composta por três novelas interligadas, mas cuja leitura independente é possível, são elas: *A vegetariana*, *A mancha mongólica* e *Árvores-flamas*. A narração das três novelas é autodiegética, feita por personagens próximas a protagonista. A primeira é narrada por Jeong, marido de Yeonghe, a segunda é narrada por seu cunhado, e última por Inhye Kim, sua irmã. Ao longo das três novelas, os únicos momentos em que a protagonista assume a narração é durante os relatos de seus pesadelos, que entrecortam a primeira novela, através dos quais o leitor tem acesso, ainda que mínimo, ao estado mental personagem.

As mudanças no foco narrativo citadas são fundamentais para a análise aqui proposta, em especial o olhar masculino, uma vez que ilustram o silenciamento contra o qual a protagonista se rebela ao adotar o

vegetarianismo. Já na primeira novela, a descrição que Jeong faz de sua esposa deixa clara a opressão experienciada ela. Há um apagamento de sua identidade, ela é vista apenas através de sua função de esposa:

Nunca tinha me ocorrido que minha esposa era uma pessoa especial até ela adotar o estilo de vida vegetariano. Para ser bem franco, não me senti atraído por ela na primeira vez em que a vi. Estatura mediana. O cabelo não era nem comprido nem curto. Tinha a pele levemente amarelada, as maçãs do rosto pouco pronunciadas. Vestia-se de forma neutra, como se tivesse algum tipo de receio de se destacar [...] Conforme minha expectativa, ela desempenhou a função de esposa sem grandes dificuldades. (KANG, 2018, p. 09)

Na sociedade em que Yeonghye está inserida, há uma grande pressão para que as mulheres se enquadrem em um modelo opressor de feminilidade e servidão para que sejam consideradas boas esposas. Isso é notável no discurso dos narradores masculinos ao longo de todo romance. Na primeira novela, a descrição que o marido de Yeonghye faz de sua cunhada expõe algumas das imposições feita a essas mulheres:

Eu senti inveja do marido de minha cunhada [...] minha cunhada cozinha bem, como antes costumava cozinhar minha esposa. Quando vi a mesa de almoço posta, cheia de pratos apetitosos, minha boca se encheu de água. Notei seu corpo bem fornido na medida certa, seu jeito gentil de falar, seus olhos grandes, e então lamentei pelas muitas coisas que estava deixando de desfrutar na vida" (KANG, 2018, p. 37-38)

No discurso de Jeong é notável a dupla objetificação sofrida por essas mulheres. Ao elogiar a culinária de sua cunhada dizendo ter inveja de seu marido, o que ele de fato enaltece é a capacidade dela em se adequar ao ideal de mulher que lhe é imposto, além de criticar Yeonghye por não cumprir esse papel. Ao sexualizar Inhye Kim ele reforça a ideia de que a esposa que deve servir a seu marido, tanto no âmbito doméstico quanto sexual. A convicção de Jeong de que está sendo injustiçado por sua esposa é plenamente apoiada pelos demais personagens, o que demonstra o quanto essa ideologia de dominação patriarcal está arraigada na sociedade:

Ao contrário do que eu esperava, as tentativas de minha sogra e minha cunhada não surtiram efeito algum sobre o costume alimentar de minha esposa. Todo fim de semana, a mãe dela telefonava para perguntar:

“Yeonghye continua sem comer carne?”

Até meu sogro, que nunca nos procurava, repreendeu minha esposa severamente. Seus gritos de cólera escaparam do telefone e ponto de eu escutá-los.

“O que pensa que está fazendo? Vamos supor que você esteja bem com isso, vá lá. Mas como é que fica Jeong, que está no auge da forma física?” (KANG, 2018, p. 32)

Saffioti (2011) aponta o patriarcado como uma estrutura de poder hierárquica que situa a mulher em uma posição muito inferior à do homem, legitimando assim sua dominação-exploração sobre ela. A autora afirma ainda que esse é baseado tanto na ideologia quanto na violência, sendo a segunda indispensável para a manutenção primeira. Nesse sentido, a violência com a qual a família de Yeonghye, especialmente seu pai, reage constitui uma tentativa de forçá-la a adequar-se aos ideais patriarcais:

Subitamente, a palma forte de meu sogro rasgou o ar e minha mulher cobriu o rosto. [...]

“Segurem os braços dela.”

“O quê?”

“Se comer de novo, vai voltar a comer carne como antes. Onde já se viu gente que não come carne hoje em dia?!” [...]

Meu sogro pressionou a carne de porco agridoce contra boca da minha mulher, que se agitava em sofrimento. Com seus dedos grossos, ele abriu os lábios dela, mas não conseguiu entreabrir os dentes fortemente cerrados. Cego de raiva, deu-lhe uma nova bofetada (KANG, 2018, p. 41-42).

Entretanto, a violência física e emocional infligida a Yeonghye por seu pai não teve início com a sua adesão a uma dieta vegetariana. Na narrativa de Inhye Kim, fica claro que a inadequação de Yeonghye à feminilidade imposta vem desde a sua infância, o que a torna o principal alvo da violência do patriarca da família:

Yeonghye era o principal alvo da violência deferida pelo pai. O irmão mais novo, por ser homem, saía batendo em outros meninos do bairro tanto quanto apanhava em casa, e por isso deve ter sofrido menos. E ela também recebia mais atenção, pois era quem preparava a sopa pra aliviar a ressaca do pai no lugar da mãe, que estava sempre cansada. Mas Yeonghye, de personalidade pouco condescendente, não sabia acompanhar os humores paternos. E, sem conseguir oferecer resistência, os maus-tratos devem ter lhe atingido até o fundo dos ossos. Agora ela sabe: a diligência com que ela agia como filha mais velha não era fruto de uma maturidade precoce, e sim de covardia. Era apenas um meio de sobrevivência. (KANG, 2018, p. 149)

Sobre a violência de gênero, especificamente a intrafamiliar, Saffioti (2011) afirma que “as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente” (SAFFIOTI, 2011, p. 75). Segundo ela, as mulheres dificilmente conseguem desvencilhar-se de relações violentas, mas

todas reagem a ela de alguma forma. O vegetarianismo foi a primeira reação de Yeonghye à violência sofrida, que culminou numa total negação de sua própria animalidade. Tendo sua identidade enquanto ser humano negada, sendo diversas vezes silenciada e violentada em prol de um ideal de mulher e esposa, ela tenta rebelar-se retomando o controle seu próprio corpo negando-se a ingerir carne:

“Vamos, tome. Abra a boca. Coma” [...] “Não vou comer”
Pela primeira vez, fez uma afirmação clara. [...] “Não aguento mais isso! Acha que estou brincando? Quando mando você comer, você come!”
Imaginei que ela diria “Sinto muito, papai. Mas não consigo”.
Em vez disso, respondeu sem se lamentar ou se desculpar:
“Não como carne” (KANG, 2018, p. 40-41)

Durante a narração de seus sonhos feitas pela protagonista ao longo da primeira novela, há várias indicações de que seu vegetarianismo seria uma reação a violência de gênero que sofrera ao longo de toda a vida. Entretanto, neles, Yeonghye não é vítima, mas algoz, ainda que indireto, da violência que é infligida a animais. Na primeira descrição que faz de seus sonhos, o contraste entre o bosque escuro em que estão pendurados centenas de pedaços de animais recém abatidos e a floresta clara onde várias famílias fazem piqueniques envoltas em um delicioso cheiro de comida, desvela o apagamento da violência que permite o consumo de carne.

Era um bosque escuro. Não havia ninguém nele [...] Passei por uma cortina de palha então eu vi. Centenas de pedaços de carne, uns pedaços enormes, estavam pendurados em sarrafos. De alguns deles pingavam gotas de sangue vermelho ainda fresco. Abri o caminho por incontáveis pedaços de carne, mas não conseguia encontrar a saída do outro lado. Meu vestido branco ficou completamente encharcado de sangue.
Não faço ideia de como saí de lá. Voltei correndo sem parar sobre meus próprios passos, cruzando o arroio outra vez. De repente, a floresta ficou clara e cheia de verde primaveril das árvores. O lugar estava tomado por crianças e senti um cheiro gostoso de comida. Várias famílias faziam piquenique. A cena era radiante, nem consigo descrevê-la. Dava até para escutar o barulho do riacho. Havia pessoas sentadas sobre esteiras perto dele, comendo rolinhos de arroz envoltos em algas. Na outra margem havia gente assando carne, cantando. Dava para ouvir riso e alegria vindos de todos os lados. (KANG, 2017, p. 16-17)

Os sonhos de Yeonghye representam o rompimento da personagem com o que Melanie Joy (2014) chama de entorpecimento psíquico, processo através do qual nos desconectamos emocionalmente da nossa experiência e

enfrentamos a violência quando somos vítimas dela. Porém, este processo também nos permite ser coniventes com a violência infligida a outros. No caso da violência animal, é ele que nos leva a consumir a carne de animais mortos sem pensar no sofrimento experienciado por eles antes de chegar ao nosso prato:

Gritos e choros se sobrepõem e ficam encravados aqui. É por causa da carne. Comi carne demais. Todas essas vidas estão entaladas aqui. Tenho certeza. Sangue e carne foram digeridos e se espalham por todos os cantos do meu corpo; os resíduos foram colocados para fora, mas as vidas insistem em obstruir o plexo solar. (KANG, 2008, p. 50)

A quebra do entorpecimento psíquico faz com que a personagem se identifique com os animais abatidos por não conseguir mais se desvencilhar emocionalmente nem da violência infligida a ela e nem da infligida por ela a eles, mesmo que indiretamente. A medida em que essa empatia pelos animais abatidos em seus sonhos cresce, ela sente afluir a própria animalidade. Para Yeonghye, o vegetarianismo e o subsequente desejo pelo total abandono dessa animalidade representam, portanto, formas de resistir à violência:

[...] Olhos ferozes de alguém animal. Imagens sangrentas. Um crânio aberto de algum animal. Olhos que parecem sair de minhas entranhas. Quando desperto, tremendo, verifico minhas mãos, para ver se as minhas unhas estão normais. Se meus dentes estão inteiros.

Só confio nos meus peitos. Gosto dos meus peitos, porque com eles não posso matar nada nem ninguém. Afinal, mãos, pés, dentes e língua, qualquer coisa com apenas três centímetros, tudo é capaz de matar e machucar. Os peitos, não. Enquanto eu tiver esses seios redondos, estarei bem. Ainda estou bem. Mas por que será que meus peitos estão diminuindo? Já nem são mais arredondados. Por quê? Por que estou emagrecendo? Estou ficando tão afiada, será para cortar o quê? (KANG, 2008, p. 36-37).

Há, ainda, uma relação entre o abandono da animalidade e a negação da feminilidade expressa na imagem do seio. Como leu-se no enxerto, seus seios são a única parte de seu corpo com que Yeonghye se sente confortável, talvez porque eles sejam uma expressão do feminino em seu corpo que não é controlado pelo patriarcado. Daí vem a negativa da personagem em usar sutiã, fato que é apontado por Jeong já na primeira descrição que faz dela. É interessante destacar que, inicialmente, Jeong gosta do fato de a esposa não usar sutiã, pois assume que ela deixa de usá-lo com a intenção de seduzi-lo. Entretanto, assim que Yeonghye explica que não usa sutiã porque a peça a faz sentir sufocada, ele imediatamente passa a considerar o hábito da esposa

preguiça e displicência, ele afirma “Se [...] ela ao menos usasse sutiãs com bojos generosos, eu teria me sentido melhor quando a apresentava para meus amigos” (KANG, 2008, p. 11).

As colocações de Jeong explicitam a objetificação do corpo feminino promovida pelo sistema patriarcal. Os seios da protagonista só podem estar livres se isso servir ao prazer de seu marido, caso contrário eles precisam ser escondidos e moldados para sejam agradáveis aos olhos dos homens. O conforto da personagem e sua apreciação por seu corpo não tidos como importantes. Tendo em vista que esta objetificação é uma das formas de violência emocional e moral sofridas pelas mulheres, a rejeição ao sutiã é um primeiro exemplo da revolta de Yeonghye contra a violência patriarcal, que vai apenas se intensificar com o tempo, culminando no seu vegetarianismo e rejeição sua animalidade.

2. Um referente ausente: da objetificação ao estupro da mulher

Além da física e da psicológica, outra forma de violência de gênero que marca a experiência das personagens no romance de Kang (2018) é a sexual. Segundo Adams (2012), embora a violência sexual e o consumo animal pareçam formas distintas de violência, a objetualização² é um ponto de intersecção entre elas: “Assim, ao tratar como objeto esse ser, o opressor o estupra; exemplo disso é o estupro cometido contra as mulheres ao lhes ser negada a liberdade de dizer não, ou o retalhamento de animais” (ADAMS, 2012, p. 86). Deste modo, o consumo, seja ele literal ou metafórico, representa a concretização da opressão, da aniquilação da vontade, da identidade separada.

A objetificação integra também o trio cognitivo que, segundo Melanie Joy (2014), funciona como mecanismo de perpetuação do *carnismo*. Este é formado por desindividualização, dicotomização e objetificação. Segundo ela, a desindividualização consiste em compreender os indivíduos apenas através de sua identidade de grupo, ignorando sua particularidade. A dicotomização é o processo de encaixar mentalmente os outros em duas categorias, com base em nossas crenças a cerca deles. Já a objetificação consiste em encarar um ser

² Adams (2012) utiliza o termo objetualização para se referir ao processo que permite ao opressor ver e tratar outro ser como um objeto. Neste ensaio será utilizado seu sinônimo objetificação, exceto quanto em referência direta ao texto da autora.

vivo como objeto inanimado. A autora destaca ainda que “objetivar pela linguagem é um poderoso processo de distanciamento” (JOY, 2014, cap.6).

Traçando um paralelo entre o *carnismo* e o patriarcado, no romance, tal distanciamento é o que permite ao marido de Inhye Kim objetivar Yeonghye a ponto tornar-se absolutamente incapaz de empatizar com seu sofrimento. Em um dos momentos de maior vulnerabilidade da personagem, quando, para escapar das agressões de seu pai que tenta força-la a comer carne, Yeonghye usa uma faca de cortar frutas deixada sobre a mesa para cortar os pulsos no meio de jantar em família, tudo o que ele enxerga é um objeto que lhe causa desejo sexual:

[...] imaginou a cunhada sozinha, deitada e toda encolhida. Lembrou daquele corpo nu e ensanguentado em seu colo, do roçar de seios e nádegas, e pensou que bastava lhe arrancar as calças para ver a mancha mongólica esverdeada em sua bunda; então sentiu todo o sangue do corpo concentrado num único lugar (KANG, 2018, p. 66).

O mesmo processo ocorre quando Jeong, após a negativa da esposa em manter relações sexuais com ele, estupra Yeonghye. Ela é objetificada a tal ponto que sua resistência se torna objeto de entretenimento e sua dor fonte de prazer para o marido. A já citada dicotomização sofrida pelas mulheres dada sua capacidade de conformação com o ideal patriarcal de feminilidade, esposas boas, conformadas com a função de escravas domésticas e sexuais, culmina na objetificação e, conseqüentemente, no estupro. Jeong não vê Yeonghye como uma mulher, um ser humano como ele, mas como uma esposa cuja função é lhe servir sexualmente. Deste modo, há também um desindividualização.

Chegava até a sentir uma inesperada excitação ao tirar a calça dela, segurando seus braços, que resistiam. Dizia-lhe obscenidades a meia-voz; ela resistia bravamente, mas a cada três tentativas eu conseguia penetrá-la pelo menos uma vez. Durante a penetração ela ficava olhando para o teto, em meio ao escuro, com uma expressão vazia como se fosse uma escrava sexual em tempos de guerra (KANG, 2018, p. 34).

Nesse sentido, a posição de outro ocupada por Yeonghye enquanto mulher em relação aos homens que narram o romance é um dos elementos motivadores sua objetificação. Simone de Beauvoir (2016) aponta a outridade da mulher como um ponto central em sua marginalização, segundo ela “o

sujeito só se põe se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto” (BEAUVOIR, 2016, p. 14). A comparação feita por Jeong dialoga também com as considerações feitas por Coetzee (2004), no romance *Elizabeth Costello*, em que o autor compara o animal em nossa cultura a um prisioneiro de guerra:

As pessoas reclamam que tratamos os animais como objetos, mas na verdade tratamos os animais como prisioneiros de guerra. Você sabia que quando foram abertos os primeiros zoológicos, os tratadores tinham que proteger os animais dos ataques dos espectadores. Os espectadores sentiam que os animais estavam ali para serem insultados e humilhados, como prisioneiros em uma marcha triunfal. Já promovemos uma guerra contra os animais, que chamamos de caça, embora, na verdade, guerra e caça sejam a mesma coisa, Aristóteles percebeu isso claramente. Essa guerra foi travada ao longo de milhões de anos, só a vencemos faz algumas centenas de anos, quando inventamos as armas de fogo. Só quando a vitória foi absoluta que pudemos nos permitir cultivar a compaixão, mas a nossa compaixão é muito rarefeita. Por baixo dela existe uma atitude mais primitiva, o prisioneiro de guerra não pertence à nossa tribo, podemos fazer o que quisermos com ele, podemos arrancar seu coração, atirá-lo no fogo. Não existe lei quando se fala de prisioneiro de guerra. (COETZEE, 2004, p. 118-119)

Benedito Nunes (2011), ao discutir a outridade animal, complementa o que foi dito por Coetzee (2004). Conforme citado anteriormente, o autor afirma que os animais em nossa cultura são populações escravas, porque não se matam os prisioneiros de guerra como o fazemos com eles: “O trabalho deles é reproduzir-se para nós. Até seu sexo transforma-se em uma forma de trabalho. Nós não os odiamos porque nem sequer são dignos do nosso ódio. Nós os vemos com desprezo” (NUNES, 2011, p. 15-16). Explicitando que, o que permite ao opressor objetificar e o consumir tanto da mulher quanto do animal é a noção de outridade que o impede de sentir empatia, podendo levá-lo a sentir desprezo, e permite que a violência ocorra.

Através da narração do marido de Inhye Kim, ao longo da segunda novela, a outridade feminina é notável. A desindividualização e a dicotomização estão explícitas no ponto de vista sob o qual ele percebe as personagens femininas que o cercam. Para ele, Inhye Kim e Yeonghye representam dois ideais de mulher que, em diferentes momentos de sua vida, servem a necessidades específicas. A primeira, representa sua conformação com a ideologia patriarcal, através dela ele obtém a segurança emocional em ter uma família tradicional:

Tinha o rosto suave e o colo bonito. Sem dúvidas seu aspecto afável contribuíra muito para o crescimento exponencial da loja, que ela abria ainda solteira. No entanto, desde o começo ele sabia que algo nela não lhe agradava. Os traços de seu rosto - os olhos, o nariz e a boca -, seu porte físico e até sua personalidade compunham a imagem feminina que ele idealizara havia anos. Por isso decidiu se casar com ela, sem se dar conta de que tudo aquilo era o de menos para ele (KANG, 2018, cap. 2).

Yeonghye, por outro lado, representa a liberdade que permitia ao narrador ver a si mesmo como um grande artista na juventude. Ela surge quanto ele já é um homem de meia-idade “que escondia os cabelos, cada vez menos abundantes, sob o boné de beisebol e a barriga saliente sob a jaqueta” (KANG, 2018, p. 59). O desejo sexual que nutre por ela parte de uma idealização que ele desenvolve ao fixar-se na mancha mongólica que a personagem tem nas costas e nas nádegas, ele ignora completamente que ela é um indivíduo munido de seus próprios desejos e angústias.

Não conseguia evitar de sentir um ardor quando ela, passiva, abria a mão para projetar leques de sombra na sacada; quando ele observava seu tornozelo branco à mostra enquanto ela lavava o rosto do sobrinho; quando ela via tevê, sentada de lado, com uma postura vulnerável; e sobretudo toda vez que pensava em suas pernas abertas e nos cabelos desarrumados: ficava excitado. Pairando sobre todas essas lembranças, estava a mancha sem função alguma, primitiva, existente apenas nas costas e nádegas de bebês e crianças. Sobrepondo-se à ternura com que, havia muito tempo, olhou para o bumbum macio do filho recém-nascido, as nádegas de sua cunhada produziam em sua mente uma luz brilhante.

Agora harmonizavam-se indissolivelmente o fato de ela não comer carne, alimentando-se apenas de grãos, plantas e verduras cruas, com a imagem da mancha em formato de pétala verde-azulada. Pareceu-lhe que até mesmo o sangue que jorrou do pulso dela, encharcando sua camisa branca e depois formando uma massa marrom e compacta, era uma perturbadora pista em seu destino. (KANG, 2018, p. 71).

Adams (2012) explora os mecanismos que permitem a objetificação feminina que observamos ao longa da narração do cunhado de Yeonghye. Segundo ela, o referente ausente é o elemento central dentre estes. Segundo a autora, “A estrutura do referente ausente na cultura patriarcal fortalece as opressões individuais ao lembrar sempre outros grupos de opressão” (ADAMS, 2012, p. 82). Assim, através desse processo, o *carnismo* e o patriarcado se retroalimentam:

Por trás de toda refeição com carne há uma ausência: a morte do animal cujo lugar é ocupado pela carne. O “referente ausente” é o que separa o carnívoro do animal e o animal do produto final [...] Uma vez

que a existência da carne é desligada da existência de um animal que foi morto para se tornar "carne", esta fica desancorada do seu referente original (o animal), tornando-se, em vez disso, uma imagem que não está ligada a nada, imagem esta usada frequentemente para refletir o status feminino, assim como o dos animais. Os animais são o referente ausente no ato comer carne; tornam-se também o referente ausente nas imagens de mulheres subjugadas, fragmentadas ou consumíveis (ADAMS, 1998, p. 23-24).

No romance, o referente ausente é notável tanto na relação dos personagens com os animais quanto com as mulheres. Tendo em vista a presença do *carnismo* na sociedade retratada, o apagamento do referente no consumo de animais perpassa toda a obra e é marcado sempre que um alimento a base de "carne" é citado. A família de Yeonghye não tenta forçá-la a comer uma vaca morta, mas uma deliciosa carne frita. A morte do animal é completamente apagada em seu consumo, como ocorre em qualquer outra sociedade *carnista*. Já no caso das mulheres, esse apagamento é mais sutil, ele está relacionado com a objetificação citada anteriormente e pode ser observado em excertos já citados. Porém, o exemplo mais claro está na narração do marido de Inhye Kim:

Na noite do dia em que visitou a cunhada, movido por um impulso irresistível, ele procurou à força a esposa na cama [...]
Não queria ouvir o tom nasal da voz dela, por isso lhe tapou a boca. No escuro, não era sua esposa que ele imaginava, e sim sua cunhada, pensando em sua silhueta, nariz e lábios. Colocou a boca no mamilo endurecido da mulher e arrancou sua calcinha. Cada vez que a imagem da pequena pétala esverdeada se impunha e ameaçava desaparecer, ele fechava os olhos e apagava o rosto da esposa.

Quando terminou, ela estava chorando, ele não sabia se pela excessiva violência com que tinha agido ou se por outro tipo de sentimento que desconhecia.

Virando as costas para ele, a mulher murmurou "Estou com medo". Pelo menos foi o que pensou ter ouvido. Ou talvez tenha sido "Tenho medo de você". Ele estava prestes a cair num sono pesado como a morte nem mesmo tinha certeza de que a frase havia saído da boca da esposa. (KANG, 2018, cap. 79-80).

Na cena de estupro descrita no excerto há o total apagamento de Inhye Kim, ela é apenas um objeto utilizado pelo marido para satisfazer suas necessidades sexuais enquanto explora sua fantasia sobre a cunhada. Nela, tanto Inhye Kim quanto Yeonghye são referentes ausentes. Embora o personagem tente apagar a presença da esposa, evitando até olhar para seu rosto, Yeonghye também é ignorada. A fantasia dele está focada no desejo que a pequena mancha mongólica nas costas dela desperta nele. Novamente, ela é

objetificada e tem sua humanidade ignorada, sendo somente o objeto de desejo do cunhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs uma aproximação entre o patriarcado e o *carnismo*, a fim de discutir as motivações por trás da adoção do vegetarianismo e o posterior desejo pelo abandono da própria animalidade de Yeonghye, protagonista do romance *A vegetariana* (2018), de Han Kang. As considerações feitas por Adams (2012) foram centrais na análise da obra porque nos possibilitaram explorar as convergências entre os dois sistemas de opressão no romance. Os apontamentos de Melanie Joy (2014) nos permitiram entender os aspectos psicológicos que naturalizam o consumo de carne e como sua desconstrução impactou o desenvolvimento de personagem.

A partir destes, percebemos que as mudanças nos hábitos alimentares da personagem são uma reação a violência de gênero sofrida por ela ao longo do romance e que a rejeição de sua animalidade está relacionada com o reconhecimento das interseções entre esta violência e a que está implícita no ato de comer carne. Nesse sentido, o apontamento da violência de gênero como base para o patriarcado, feito por Safiotti, e a ideia do entorpecimento psíquico enquanto processo que nos permite tolerar a violência, tanto a infligida a nós quanto por nós, estabelecida por Joy (2014), foram essenciais.

Por fim, através de elementos do discurso dos homens que narram o romance, demonstramos a convergência entre a violência sexual e o consumo animal. Para isso, partimos dos conceitos de objetualização e referente ausente, apontados por Adams (2012), e objetificação, dicotomização e desindividualização, apresentados por Joy (2014). Novamente, a possibilidade da aplicação de conceitos elaborados sobre a opressão animal num contexto de opressão feminina reforça a tese de que ambas estão intrinsecamente relacionadas, como demonstramos no romance de Kang (2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância**. Tradução Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editora, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

COETZEE, J. M. **Elizabeth Costello**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JOY, Melanie. **Porque amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo**. Tradução de Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2014. E-book (não paginado)

KANG, Han. **A vegetariana**. Tradução de [Jae Hyung Woo](#). São Paulo: Editora Todavia, 2018.

NACONECY, Carlos. **Ética & animais: um guia de argumentação filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria, Esther. **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 13-22.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

Recebido em: 01/2021

Aprovado em: 02/2021

